

# Abraço suicida 09 MAR 1999

**A**o longo da história, crises econômicas criaram o ambiente favorável para a busca de saídas milagrosas. Nunca faltaram milagres. Sempre houve milagreiros de sobra. A observação vale para a crise que ameaça a estabilidade da economia brasileira. Ela está propiciando não só o surgimento de saídas fáceis para dilemas antigos, mas também ressuscitando falsas soluções para um problema que pensávamos ter superado.

A inflação próxima de zero parecia conquista da qual o Brasil não abalaria mão, independentemente do governante que viesse comandar o destino do país. No entanto, surpreendidos pelos vendavais do mercado internacional e por fragilidades internas — umas conhecidas e outras insuspeitadas — o fantasma do aumento generalizado de preços voltou a tirar o sono da sociedade.

Com ele, retorna à mesa de políticos, líderes de classe e juízes a fórmula que permitiu à inflação se nutrir durante muitos anos — a indexação. Criada na década de 60 como mecanismo capaz de evitar desequilíbrios a alguns setores vitais, o recurso foi se espalhando por toda a economia. Impediu, com isso, a quebra do círculo vicioso, já que preços e salários seguiam num crescendo, entrelaçados em abraço suicida.

Pior que voltar ao reajuste automático

com base na inflação passada, é voltar no momento em que o sistema de reindexação foi destruído e a cultura inflacionária continua viva na memória de empregados e trabalhadores. Sem o ordenamento jurídico vigente até 1994 e com o pânico da crise atual, a indexação vai levar a um só destino: a hiperinflação, que arrasará a estrutura produtiva e varrerá para o vácuo a débil poupança interna.

Entre dois males, fica-se com o menos danoso no longo prazo. A recessão, que conhecemos bem dos anos 80 e início dos anos 90, trará consequências desagradáveis para todos. Mas, se bem conduzida, durará só o tempo necessário para que o ajuste amargo nos leve de volta à trilha da estabilidade e do crescimento. A hiperinflação, ao contrário, é processo sobre o qual não se tem controle e pode durar por tempo indefinido. Vale a imagem: a recessão compara-se ao fechamento de comportas; a hiperinflação, a enchente de proporções gigantescas.

Mas, se da sociedade e de seus líderes pede-se nesta hora o sacrifício, exige-se dos governantes que comandem o processo do ajuste à nova realidade de maneira eficiente e justa. Que o Executivo de todos os níveis e políticos de todas as esferas se dêem as mãos, apontem caminhos e encontrem soluções para que o sofrimento seja breve. E o resultado duradouro.